

PRIMEIRA LEITURA DO *VLISSES* DE J. JOYCE¹

Abel N. Pena
Departamento de Estudos Clássicos

‘Uma das três coisas que devemos fazer na vida é ler o *Ulisses* de James Joyce’, sentenciou o académico de Literatura Portuguesa. Quanto às duas outras...! Bem, nem tudo deve ser dito... Muito solici- tamente procurei, pois, o *Odisseus* no top dos livros mais amados. Perambulante, vislumbrei-o no expositor X da última Feira do Livro. Receava o pior. E o pior tinha sido o primeiro tomo da *Suma Teológi- ca* do aquinate nas edições BAC. Imaginei-o, pois, um monstro das bibliotecas, ciclope estantiforme, que certos aventureiros ousavam ler em paragens de antanho para poderem regressar à sua forma primitiva de homens, mulheres, seres! E foi assim nestas sombrias congemina- ções mais ou menos que no bloomflorescente dia 16 de Junho dirigiu os seus passos decididamente decidido. Avançou meia parasanga e por diversas vezes tropeçou no dilema, *exitus et reditus*. Finalmente, o olhar pousou na montra, a mente nas sombras reflectidas e a mão lo- cimovida gesticulou: *ille*. Certamente... Querquembrulhe? Recibo por mor dos impostos. Bloomsilva, angariador de publicidade, futuras instalações. Atentamente, ao seu dispor cavalheiro. Uma elegância! *Et*

¹ Estávamos em 1989 a frequentar o Seminário ‘Problemática da Literatura Compa- rada’ regido pelo Professor Doutor J. A. Segurado e Campos. Do que então se escreveu sobre o *Ulisses* de Joyce, aqui se transcreve um excerto introdutório, com a perfeita noção de que as ‘coisas perfeitas’ existem em sonho e que as ‘datadas’ podem ser um pesadelo, se lidas fora do seu próprio contexto.

latet anguis in urbe avançou para a árvore mais alta do Rossio, com S. Dedalus atrás agarrado às crinas do cavalo às upas quando. *O pensamento é o pensamento do pensamento*. Bela frase. Anotar agenda e coleccionar no dormitório dos pensamentos perigosos. Dissertação quem sabe: páginas tantas desta edição, doze linhas a seguir ao início da página, depois de dragão, ponto final e antes de claridade tranquila, ponto final.

Imaginando-o a imaginar o pensamento, subia agora a avenida árdua mente. De vez em quando parava e esgueirava a mente para a esquina de uma rua transversal oriente-poente. Sob opacas esquinas mulheres silentes, úberes, acorriam com bálsamos florescentes. ‘Aquele que nunca pecou atire a primeira pedra!’ Pensou. ‘Mestre, sabemos que nunca pecaste, atira tu a primeira!’ Fundicomovido estareceu no quinto candeeiro a contar do fundo da Duque de Loulé em frente ao terceiro candeeiro arquivergado a contar da rua em sentido contrário por um incrível erro de cálculo da engenharia urbana. As sombras da noite envolviam a sua figura polimoldada pela *inelutável modalidade do invisível*.

– Se colaborares – repetiu de chofre um suposto cidadão da noite, nem que eu vá de saco, saca para cá os guizos!

– O dia em que nasci moura e pereça! Vós sois o mal da terra! – Bloomprotestou.

Bloomsilva locimoveu uma carteirinha de pele de galinha repleta de anúncios surrealistas: “Logo que surgiu, pela manhã nascente, a aurora de dedos róseos, Ulisses voltou a fechar o imenso porta bagagens da sua berlinda de longo curso. Era uma bela máquina, toda ela equipada para longas viagens, protegida por fortes escudos para-choques, atrás e à frente. Os bancos eram tão confortáveis e o andamento tão silencioso que nunca a fadiga vinha fechar os olhos dos seus ocupantes. Desafiando o perigo, Ulisses prosseguia o seu périplo a alta velocidade. Zeus, fortemente irado, reuniu as nuvens, agitou os céus com seus raios fulgentes, desencadeou os quatro ventos e uma escuridão imensa cobriu a terra inteira.

Ulisses acendeu os faróis de nevoeiro. As quatro rodas independentes agarravam-se ao trilho da estrada. Nenhum obstáculo, imprevisito fosse ele, o impediam de prosseguir a sua marcha. O herói regozijava-se com as proezas daquela que tão fielmente o conduzia à sua Ítaca. E à medida que se aproximava pensava, pensava na sua fiel Penélope.”

Pela segunda vez, aquele opaco cidadão da noite intimou o jovem e promissor publicista:

– Passa para cá os guizos, caldeira dum raio!

Ela sorriu e *fiat lux*. Bloomsilva, angariador de publicidade, fez valer os seus pertences de cidadão livre, e em dois dactilos resumiu com toda a propriedade a teoria do foguequelogopagas. E rebeúbéu trecolareco, que andava por instantes ao mesmo, provisoriamente desmunerado fizessem o obséquo de honrar a pobre intelectualidade. Além do mais, quem mal faz para si o faz *sicut* teologicamente falando dar o que não se tem era hipostaticamente contrário, contraditório e contradito por S. Tomás de Aquino somente e comunicantemente *in extremis*. Amén.

– Ya, meu – quodlibetou pontualmente o opaco cidadão, sumindo-se na noite escura. Obliterado pela tentativa de saque e fuge, Bloomsilva atribuiu o facto aos tempos democraticamente confusos, que é como quem diz *tot caput quot sententia*, um cidadão corre o risco da selva, noctimaníacos perambulantes, não regressar a casa à hora da telenovela.

Com a existência (i)líquida, triunfante. Escrever jornal. Director do. Telefonar. Incomodar, não incomodar. O mais em conta e sem compromissos. O tempo é dinheiro. Comprai de nós e rogai por nós. Anticristo visto à saída da chaminé do palácio do Vaticano. Toda a espiritualidade registou o facto. Domine! Cada qual mente falando: Nova York, Tóquio, Londres, Paris, Roma, Berlim...

Com os ventos venientes projectando antes sua sombra, Bloom-silva providenciando uma sanduiche e um vinicopo tranquilamente equilibrado por um duplotriplocopo reage aos comesdepé, frequentando as tascas junto, pela rua da Trindade, Avé Maria, eventualmente chocantes quando.

Metalivox supraveniente soprou sussurro som, pss... ps... psssssss.... era o Guedes lá no fundo em posição de pé-de-galo, grácil figura 'banadamente drilhante'.

– A juventude conduzida pela experiência visita a notoriedade, galicantou.

Instruído no alfabeto da natura sicut Francisco ou Bacon, fora o primeiro a meu conhecimento a dar três murros num aleluia no dia que resolvera o enigma do palimpsesto cor-de-rosa onde Demóstenes combatia contra um milhafre. Guedes, Br. Nome de baptismo, mais tarde Del Carpio, por transnomeação. Depois de publicar Bombas Anarquistas, Sartre e os Outros, escreveu os inéditos, e hoje esgotados, Estudo científico do Canto do Galo e Prologómenos Aristofânicos.

– Deus põe, o homem compõe. Penetremos.

– *Introibo ad altare Dei.*

A princípio por dever, é certo, depois por prazer e finalmente por sedução, melhor dizendo por alquimia da matéria verbal em inteligência pura. Passado o Cabo das Tormentas, que é como quem diz as primeiras vinte e cinco páginas, J. Joyce não é mais ele, é xamã, feiticeiro logocrático. Contudo, rurinado, poucos traços me filiam, a menos que, por transfiliação possível, mas pouco provável, a L. Bloom, a Stephen Dedalus sempre realmente ‘drilhante’. Lisboa não é Dublin, embora Ulisses pudesse ser um qualquer Bloomsilva, mas o herói de Cuchulain nunca seria um Viriato Lusitano. Talvez haja em Bloom uma identificação pessoana, no homem da Tabacaria, sonhador impenitente, olvidando o ontem no cafezinho da esquina.

De resto, o senhor Bloom não se sente nada à vontade para discutir certas economias intelectuais, o omfalo do mundo, o heliotropismo, a religião de Zaratrusta, a metempsicose, os cromossomas de Adão e Eva, a virgindade de Maria, a consubstancialidade, mas em caso algum a substancialidade, a natureza dos epitalâmios amatórios e outras putodoxias extra vagantes, pois além de tudo o mais de Molly e Boylan todos já tinham conhecimento do caso. Isso não o impede porém de entrar em transe, em ‘rêverie’, mais propriamente em metamorfo de xamãbloom. Numa ousada reflexão sobre o tempo e a morte, que é como quem diz sobre o *carpe diem*, entre corridas, chuva, vacas aftosas e dois quartilhos e meio, Bloom saca da última edição do Manual do Pragmatista e equaciona:

$$B = \frac{\text{Dignam} + \text{relógio}}{\text{Morte} + \text{tempo}}$$

Tal equação, porém, não obtém os efeitos pretendidos, e ‘aquele sóbrio agente de publicidade e detentor de uma substância modesta de fundos’ erra agora pelo Hades conclamando as almas dos antigos heróis para uma reunião no Burke. Metempsicose incandescente! ‘Mwaparara, mwaparinho’, foge do homem da apropinquante e negra figura, do homem da batina que salmodia o catecismo da civilização: ‘Partilharam entre eles as Pedras do Muro’, ‘Manual do Bom Cristão em Férias’ e ‘Uma Freira inventou o Arame Farpado’. *Domine non sum dignus!* Como fica distante a terra de Canaã!

A leitura de Ulisses é parturiente, diz-se, tal como terá sido a sua escrita. Pelo que justamente concordamos com aquele que repetiu sete vezes este monólogo interior: ‘É talvez tão penoso ser despertado de uma visão como nascer’. Nesta escrita teofânica, labiríntica, quem não deseja ser Dédalo? Não vagueiam os episódios em ziguezegues taquiformes, escrita pantogénica saída de uma mente caleidoscópica,

xamâmica, a própria inteligência em acção? Admitamos que ler não é necessariamente compreender. Admitamos que o pior pesadelo não é ainda o juízo final e que as coisas se passam mais ou menos assim: depois de Deus, Joyce é quem mais criou!

Epílogo

É meia noite ou já passa. Nudicapite, os libertinos, patrocinados pelas musas báquicas, saem triunfantes do homúnculo bordel seguidos de prostitutas. Um soldado-fanfarrão toldado de beberagens e apoiado num cruzado medieval, por sua vez acompanhado de uma rapariga turca, sai doutro prostíbulo anexo cantando o famoso *nisi potus in cantum prorumpisse*. O jovem Stephen ri, escarnece, escancara a boca adolescente, trocam-se palavras azedas, tão azedas e sem sentido que não tardam em reagir. O soldado-fanfarrão não ri nem chora, nem está com meias medidas e vai nisto, zás, prega-lhe um valente soco no intelectofocinho e malha com ele no chão. Bloom, Bloom, Bloom! Nada de escândalos, que o jovem janota é um prodígio, filho de académico conhecido, publicidade perigosa etc. e tal. Fundicomovido revê em Stephen o filho perdido, ajuda-o a levantar-se e convida-o para casa. Nesta brandiloquente acção de amor e hospitalidade temos o senhor Leopold Bloom transfigurado, um samaritano, um S. Francisco, um Alcínoo, um Eumeu, em todo o caso um bloomflorado homem. Stephen Dedalus e o seu *fidus Achates* noctambulam ainda em imaginárias peregrinações perfumadas de essências até que a aurora de dedos róseos vem separar os dois cavalheiros: todo o Mundo e Ninguém. Que Molly espere ainda. O caminho mais longo é o caminho mais curto para casa.